

Um cara intuitivo

Com um talento nato para atuar e escolher no que atuar, Selton Mello se arrisca em seu primeiro longa e ganha afagos da crítica. Isso não o impede de viver um dilema crucial: o que fazer agora Lina de Albuquerque

Em crise. Assim está Selton Mello. A força motriz do seu tormento está longe de ser a sensação de fracasso ou vazio que normalmente alimenta esse tipo de sentimento. Aos 35 anos, ator consagrado, ele acaba de estrear na direção de um longa-metragem, *FELIZ NATAL*, que chegou aos cinemas brasileiros no mês passado acompanhado de ótimas críticas. O filme é um divisor de águas em sua carreira. “Esqueçam tudo o que fiz até agora”, pediu o diretor na avant-première, em outubro. “Eu nunca me mostrei tanto. As pessoas só conheceram meus personagens. Esse filme, sim, sou eu.”

A crise o apanharia dias depois. “Não tenho idéia do que pretendo fazer daqui em diante”, revela ao ser questionado sobre o futuro. “Eu me dei conta de que tudo o que fiz até agora foi trabalhar. Não estou satisfeito. Queria jogar basquete, ler um livro, dar um mergulho no mar. Ou então começar a namorar, quem sabe conseguir ter algum compromisso sério com alguém... Hoje não desejo outra coisa a não ser tempo livre para me reabastecer”, completa em tom de desabafo.

Mas, enquanto Selton pede tempo, o mercado pede outra coisa. Poucos artistas têm sido tão solicitados como esse ator, que nasceu em Passos, no interior de Minas Gerais, foi criado em São Paulo e se mudou para o Rio de Janeiro com os pais e o irmão, o também



ator Danton Mello, para, entre uma ponta ali e outra aqui, enfim virar um galã de novelas, o queridinho da Rede Globo. Hoje, para cumprir uma agenda lotada de estratégias de divulgação do seu filme, Selton se espreme entre os ponteiros. “Não sei se vou continuar dirigindo filmes, voltar a fazer novela, produzir teatro ou tentar algo totalmente diferente.” Em meados deste ano, Selton gravou em Londres algumas cenas de *JEAN CHARLES*, longa sobre a vida do brasileiro assassinado pela polícia inglesa, ainda sem previsão de estréia (ele é o protagonista). Se depender da torcida dos colegas, um segundo trabalho de direção estará a caminho. Há tempos ele deseja adaptar para o cinema o romance *O ALIENISTA*, de Machado de Assis. Para quando, não se sabe. “Vim aqui pedir emprego”, saudou o ator Rodrigo Santoro, declarando-se “profundamente impressionado” ao final da exibição de *FELIZ NATAL* no Rio.

Adeus, funcionário de novelas

Mantendo-se longe dos divãs, onde aliás jamais se deitou, Selton lembra que outros momentos de crise em sua vida já resultaram em profundas guinadas. A primeira veio aos 26 anos, quando, cansado de se sentir “um funcionário das novelas”, ele se entregou de corpo e alma ao cinema. Em *A FORÇA DE UM DESEJO*, de 1999, Selton despediu-se das telenovelas. No ano seguinte, interpretou o protagonista de *LAVOURA ARCAICA*, filme do então diretor estreante Luiz Fernando Carvalho, baseado na grande obra do escritor Raduan Nassar. Emagreceu 25 quilos para encarnar o personagem, que o ensinou a romper com os valores do passado para se proclamar “profeta da própria história”.

A filmografia de Selton foi assim crescendo. Aos filmes anteriores à *LAVOURA*, como *O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?*, *CARAMURU* e *O AUTO DA COMPADECIDA*, somaram-se outros, como *LISBELA E O PRISIONEIRO*, *OS DESAFINADOS* e os mais recentes *MEU NOME NÃO É JOHNNY* e *O CHEIRO DO RALO*, de que também foi coprodutor. Na televisão, participou ainda de minissé-

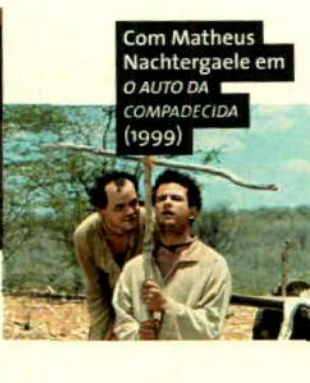
ries, como *OS MAIAS*, *OS NORMAIS* e *OS ASPONES*, da dupla Fernanda Young e Alexandre Machado. Também dirigiu videocliques e fez teatro. Na montagem de *O ZELADOR*, peça do dramaturgo inglês Harold Pinter, atuou como ator e produtor e atraiu um público de mais de 100 mil pessoas. Com os cliques de músicas da extinta banda Ira!, como *FLERTE FATAL* e *EU VOU TENTAR*, dividiu-se entre diretor e fã inveterado daquele que foi um dos grupos mais respeitáveis do rock brasileiro. E também teve a sua banda – chamava-se Vendeta. Criada em 1996, ela durou apenas um ano. Selton era o guitarrista.

Avesso às estruturas lineares e a muitas explicações, o artista reconhece que seu filme inaugural, apesar de elogiado pela crítica, não nasceu como uma obra popular. Ele mostra o drama do dono de uma oficina de ferro-velho (o ator Leonardo Vieira) que vai recolhendo os destroços do seu passado durante uma celebração natalina. Selton faz aniversário em 30 de dezembro e sempre achou as festas de final de ano melancólicas. O sentimento talvez tenha servido de pano de fundo para uma história que não se encerraria na primeira versão. Com um roteiro pronto, atores escalados e produção em andamento, o diretor estreante arriscou uma pergunta à atriz Darlene Glória: “Você gostaria de participar do meu filme de estréia?” Darlene, a musa do cinema novo que saiu de cena e se converteu à religião evangélica depois de romper com o meio artístico, desenvolveu com outra pergunta: “Quando começamos?”

Daquela vez, Selton Mello teve de conter – pelo menos por um tempo – seu conhecido temperamento impulsivo. Ele quase recuou. No filme, escrito a quatro mãos com Marcelo Vindicatto, não havia nenhum papel para a atriz. A galope, ele refez o roteiro de *FELIZ NATAL* para acolher aquela que acabou se tornando a personagem central da trama, na pele de uma matriarca alcoólatra e decadente. Na opinião da própria atriz, essa atuação representa o seu papel mais decisivo no cine-



Darlene em *FELIZ NATAL*, que deu a Selton o prêmio de melhor diretor no Festival de Paulínia (SP), em julho



Com Matheus Nachtergaele em *O AUTO DA COMPADECIDA* (1999)



Despedindo-se das novelas em *A FORÇA DE UM DESEJO*, com Fábio Assunção



De “rolo” com a atriz Luana Piovani, em fevereiro

Fotos: Selton, Marcelo Corrêa/Produção Beller/Cabelo e maquiagem Rita Fischer; Darlene, Paula Huven/Divulgação; recebendo prêmio, Aline Arruda/Divulgação; O Auto da Compadecida, divulgação; A Força de um Desejo, Rede Globo/Divulgação; com Luana, Rafael Campos



Até hoje, só trabalhei. Não desejo outra coisa além de tempo livre para me reabastecer

ma desde a retumbante interpretação de uma prostituta em *TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA*, filme dirigido por Arnaldo Jabor em 1973. “Selton me devolveu um lugar no cinema”, celebra a atriz, aos 66 anos. Selton conheceu Darlene entrevistando-a para um programa apresentado por ele no Canal Brasil, *O TARJA PRETA*, que aborda personagens ligados à história do cinema. “Saí encantado com a intensidade daquela mulher e inventei uma personagem para ela. Hoje, o filme é impensável sem a presença de Darlene”, afirma ele.

Brutal e imperfeito como a vida

O resgate de Darlene Glória ilustra com perfeição a natureza desse ator-diretor, que se diz movido por insights. Sem nenhum artista na família, ele foi persuasivo o bastante para convencer a mãe, a dona-de-casa Selva (casada com o bancário Dalton – e a junção do nome dos pais resultou no do ator), a levá-lo para fazer um teste num programa de TV. O menino tocava violão e queria cantar. Tinha 7 anos quando começou a participar dos programas de calouros de Dárcio Campos e, depois, de Raul Gil e Bolinha. Os olheiros de plantão o atraíram para os comerciais e, em 1981, ele estreou uma novela infantil na Bandeirantes, *DONA SANTA*. Menos de três anos depois, com 11 anos, Selton já estava fazendo sua primeira novela na Rede Globo, *CORPO A CORPO*. Vieram então tempos difíceis, em que o ator duvidou da própria capacidade de emplacar. Rompeu a secura trabalhando como dublador em filmes como *KARATÊ KID*. Engordou, ficou com a autoestima no pé. Redescoberto pela emissora no início dos anos 90, após uma temporada na escola de teatro Tablado, no Rio, fez um punhado de novelas. O sucesso de *O AUTO DA COMPADECIDA* deu-lhe a tão desejada independência para buscar o que queria – o cinema e o teatro. Dedicou-se também a comerciais e encontrou tranquilidade financeira na publicidade. De certa forma, apesar da crise, está no melhor dos mundos.

Com *FELIZ NATAL*, Selton Mello acredita ter feito “um filme brutal e imperfeito como a vida”. Mas ele precisa parar para respirar. Um dos seus últimos romances, que prefere chamar de “rolo”, foi com a atriz Luana Piovani, que fez com ele o próximo filme de Cláudio Torres, *A MULHER INVISÍVEL*. Seu romance mais longo foi com Danielle Winits – durou três anos. “Ando com dificuldade de me envolver com alguém. Na verdade, preciso de uma pausa até para recuperar o brilho nos olhos”, ressalta. Por ora, parece sem estímulo. Mas ele sabe que ainda está no lucro. “Se eu parar hoje de ser ator, devo ficar mais uns quatro anos em cartaz!”